

## O ILUSTRADOR CIENTÍFICO E A ECONOMIA DE TRABALHO – O DEPOIS

© **Fernando Correia**

Departamento de Biologia, Universidade de Aveiro, Portugal. E-mail de correspondência: <fjorgescorreia@sapo.pt>; <www.efecorreia-artstudio.com>

A ilustração científica (IC) é uma actividade profissional que, quando bem dirigida e cultivada, permite a quem a pratica obter os necessários recursos económicos e financeiros, bem como construir uma carreira aliciante. É também um interessante modo de vida para quem sente que nem a Arte ou a Ciência, por separado e isoladamente, o satisfazem e motivam para criar e desenvolver projectos de trabalho. A procura do contacto directo com a Natureza, a exploração pessoal dos “mistérios” desvendados pela Ciência, a troca de opiniões com os mais entendidos e seu pares de profissão, e o seu registo na forma do traço e da cor promovem um forte apelo para se explorar o que de melhor nos têm para oferecer estes dois mundos do Conhecimento Humano. Um ilustrador científico moderno revitaliza e reconstrói o modo como se vê a Ciência, doma a criatividade e explora a estética, utiliza a Arte numa interessante mestiçagem de expressão técnica — o resultado é assim uma obra com laivos artísticos, mas toda ela respirando Ciência. À medida que o Ilustrador vai criando mais obras originais, funcionais e úteis, sente-se impelido a diversificar e a fazer mais e melhor. Tudo isto gera no final, cumprida a missão, uma descarga adrenalínica de satisfação, principalmente quando após ter passado infindáveis horas a construir e planear estrategicamente aquela imagem, não só recebe o devido pagamento, como também é parabenizado pelo cliente. Não é, pois, raro que o profissional da ilustração científica fale da sua profissão com motivação e entusiasmo e acabe por transmitir um pouco dessa “magia” e alegria a quem o rodeie. E quando não é ele mesmo que dialoga, são as suas obras que abrem caminhos e geram contactos. Se os “olhos são as janelas da alma”, as ilustrações científicas são as portas para a Comunicação — da Ciência, da Experiência, da Descoberta e, também, dos Recursos Humanos por detrás da obra: o ilustrador, o museólogo, o investigador e/ou o amigo das maravilhas da Natureza (Humana e Selvagem) e todos os outros que efectivamente contribuíram para o nascer daquela IC.

## O ESTIGMA DO GRAU ACADÉMICO UNIVERSITÁRIO

Não são raras as vezes em que os ilustradores científicos, que actuam no mercado de trabalho, são abordados com questões sobre o seu trabalho ou sobre o que tiveram que fazer até alcançarem o desempenho e a “arte” que lhes deu o estatuto profissional que tanto os impressionou. Nessas situações são várias as questões com que estes técnicos polivalentes se defrontam e acabam por debater — como começaram a fazer, o que fazem, quando fazem e como fazem.

Por ventura, uma das perguntas mais enfáticas é revestida de um foro mais académico: deverá um ilustrador científico possuir obrigatoriamente um grau académico ou formação formal em ilustração científica? Regra geral e com base na experiência pessoal de cada profissional a resposta varia mas a resposta mais correcta — corroborada pela própria génese e história da Ilustração Científica — deverá ser um “não necessariamente”... Na realidade, quem deseja enveredar por esta carreira profissional deve procurar obter uma formação de base, de preferência conseguida através da frequência de um curso superior, seja ele em Artes ou em Ciência, podendo depois compensar e complementar a parte em falta através da **autodidática**. Em suma, deve esforçar-se por conhecer e saber usar do modo mais correcto e apropriado as várias técnicas de desenho e pintura (ajustando-as e moldando-as, tendo em conta o objectivo a atingir); deve procurar falar a mesma “linguagem” dos cientistas (pois agiliza a comunicação, nos dois sentidos, entre interlocutores); deve saber sistematizar/gerir os conteúdos científicos (trabalhar informação); ou até mesmo poder ser capaz de contribuir activamente para a produção do próprio conhecimento científico. Um ilustrador científico autodidacta nada deve ter a temer de um outro profissional com graduação formal — desde que persiga a excelência, seja criativo, tenha espírito de iniciativa, capacidade de trabalho em equipas multidisciplinares, capacidade de sacrifício e esteja motivado para aprender continuamente. Na realidade a velhinha fórmula: “aprender, aprender, aprender e... trabalhar muito” tanto é eficaz para os autodidactas, como para aqueles formados na área.

Não é por se ter uma pós-graduação ou um Mestrado em IC que se será NECESSARIAMENTE e POR DEFEITO um melhor e mais competente profissional — embora potencialmente possa ser uma ajuda, um atalho, para atingir essa meta — e, por outro lado, a EXCELÊNCIA não é um bem adquirido, logo à partida, por obtenção de grau académico.

A associação americana *Guild of Natural Science Illustrators* — defensora das escolas americanas onde se pratica um ensino formal e que tem por base a política de que o ilustrador científico idóneo deve idealmente estar habilitado com uma especialização formal — é ela mesmo espelho de que os autodidactas podem ser tão ou melhores profissionais que aqueles outros formados (quer nas melhores escolas americanas, ou doutras nacionalidades). De facto esta renomada e prestigiada associação internacional, tem sucessivamente reconhecido o seu valor e qualidade, premiando-os, quer na selecção das suas ilustrações para a sua prestigiada Exposição Anual, quer para os galardões que ela mesmo atribui (*GNSI Membership Directory Awards*, *GNSI Travelling Exhibit*, etc.), ou ainda para as suas próprias publicações, como a *GNSI Newsletter*, ou mais recentemente, a brochura “*Careers in Scientific Illustration*” (onde se explica o que é a ilustração científica e o que se deve fazer para se ser ilustrador científico). A segunda edição do *The Guild Handbook of Scientific illustration* (Elaine Hodges, Ed.) – considerado o melhor e mais completo livro sobre ilustração científica — incluiu pela vez vários trabalhos de IC da autoria de 4 portugueses e, “curiosamente”, 3 deles são autodidactas (75%).

Portugal é um país onde ainda hoje impera o “estigma do diploma ou grau académico” e a tendência que se observa actualmente é a de investir no ensino formal. Contudo a própria fundamentação do Processo de Bolonha (PB), onde esses cursos de pós-graduação se baseiam, co-substancia a percepção do quão ténue pode ser a fronteira entre o valor de um ensino formal e o do autodidactismo, se encarada em termos práticos. E para fazer valer essa nova realidade e entendimento, o próprio PB propôs outros valores a tomar em

consideração e que acabaram por alavancar a reforma mais recente sofrida pelo Ensino Superior português:

o reconhecimento das competências (efectivas capacidades do formando ou aptidões, mesmo que práticas) e não só dos conteúdos que domina;

o fomento da aprendizagem efectiva (o professor como elemento proactivo e interactivo) e não simplesmente o ensino (o professor como mero veículo de transmissão do conhecimento);

o incentivar da participação e o envolvimento de todos os agentes implicados e contributivos (internos e externos ao processo pedagógico) e não apenas a participação de professores nas aulas e dos estudantes no estudo e nos exames.

#### SER-SE ILUSTRADOR CIENTÍFICO

Criar uma IC não é o resultado de um ímpeto ou o riscar de uma ideia espontânea. Representar graficamente a Ciência encerra em si um estudo, uma investigação — ela própria adopta a linguagem estruturante, hierárquica e sequencial do método científico, que acaba por constituir a “coluna vertebral” da imagem construída, mas adorna-a com o sabor e saber da Estética. O fundamento Científico é assim revestido q.b. pelo subjectivo do Belo e a IC torna-se na arte de criar o “veículo” visual ideal, para transmitir o Saber pré-existente ou nascido da novidade experimental, diluindo barreiras e obstáculos (culturais, espaciais, temporais, ou outros) à passagem, apreensão e compreensão do Conhecimento pelos vários estratos/sectores populacionais a que se destina (arte dirigida).

Assim, um ilustrador científico, independentemente da sua formação, deve ser um técnico que tem como função primordial “digerir” informação de génese descritiva e transformá-la em imagem — estabelecendo a ponte entre o universo dos investigadores e núcleos da sociedade. Tanto pode ter que desenhar um ser vivo contemporâneo (um lobo, um fungo, etc.), como desenhar uma molécula (que nunca viu a olho nu), ou um mero conceito (que não passa de uma tese ou modelo

arquitectado por um investigador), ou então um ser extinto e cujo única evidência da sua passagem pela Terra, são meros ossos mineralizados e preservados por milhões de anos na clausura de uma rocha. Este momento criativo é pois — e assim deve ser entendido — o resultado cumulativo de trabalho de equipa e de experimentação, em que se testam e estruturam soluções gráficas credíveis, se abandonam ideias em detrimento de novas hipóteses, ou mesmo se descobrem novas características ou dinâmicas interactivas.

Ser-se ilustrador científico, é ser-se Naturalista e cronista da Natureza, artista e agente promotor na área do *marketing* científico; é o abrir da “janela” e mostrar novos horizontes, contributivos para a construção do Conhecimento Humano, por um prisma de entendimento alicerçado no que pode ser codificado e traduzido visualmente, com recurso à sinergia interactiva de riscos e manchas de cor.

#### A ECONOMIA DE TRABALHO EM PORTUGAL — UM *CASE STUDY*

Esbatidas as “diferenças” entre profissionais da mesma classe, isto leva-nos directamente à forma como esta actividade pode ser analisada, em prol da economia de mercado.

Profissionalmente e em Portugal, os ilustradores científicos são reconhecidos social e “implicitamente” como técnicos de IC, enquanto estatuto, muito embora essa “profissão”, enquanto figura legal e fiscal, não exista, seja reconhecida ou sequer regulamentada por lei (ou decreto-lei). A solução — até porque não existe massa crítica em termos de força laboral para criar um grupo de pressão sobre o Estado, por forma a “obrigar” a regulamentar a profissão — passa por contornar pacificamente esta facticidade e optar por uma solução de carácter dual ou bivalente: ou o profissional assume a categoria da formação académica de base (por ex. Biólogo, com competências reconhecidas em IC), ou então, simultaneamente e em termos fiscais, opta por se inscrever também numa segunda opção ou categoria laboral (Desenhador, Direito de Autor, etc.) que mais o aproxime ao sector onde exerce a sua actividade.

Ora tal como sucede em qualquer outro segmento ou sector contributivo, num sistema de livre iniciativa, existem três enquadramentos possíveis para o posicionamento do Ilustrador Científico: 1. *força laboral* (os ilustradores científicos); 2. *entidade contratante que demanda* (quem solicita o trabalho); 3. *o tipo de trabalho ou campos de intervenção*.

### 1. *Força laboral*

Em termos genéricos, os profissionais desta área podem agrupar-se em três categorias distintas:

**a) Ilustrador-investigador científicos** (ca. 10%) – são aqueles que investigam sobre a temática da Ilustração científica, publicam ensaios em revistas conceituadas/livros, frequentam pós-graduações em *strictu sensu* (mestrado, doutoramento), dão formação não-presencial e presencial (formal e não-formal), exploram outras vertentes de produção nas áreas da narrativa gráfica, do design, da composição e a miscibilidade sinérgica com conteúdos descritivos.

No fundo são a força motriz para o entendimento, o desenvolvimento e a evolução da actividade enquanto meio privilegiado e ferramenta ímpar na comunicação e divulgação da Ciência.

Conseguem viver somente à conta do exercício da actividade.

**b) Ilustrador científico *strictu sensu*** (ca. 80%) – fazem unicamente ilustração, por vezes especializando-se numa temática (ilustração botânica, ictiológica, herpetológica, entomológica, mamológica, etc.) ou técnica (aguarela/aquarela, tinta-da-china/nanquim, etc.). Dão formação numa base temporal esporádica (ensino presencial não-formal).

Alguns conseguem viver à conta do exercício exclusivo dessa actividade.

**c) Investigador-ilustrador científicos** (ca. 10%) – são essencialmente cientistas, muitos deles com formação não-formal em IC, que esporadicamente

executam ilustrações científicas para ilustrar as suas próprias produções científicas e/ou as de colegas de profissão (a quem, geralmente, optam por não cobrar o trabalho).

Não vivem à conta do exercício dessa actividade, visto pela maioria como um *hobby*.

## 2. *Entidade contratante*

A realidade que hoje se observa, em relação a quem solicita trabalhos de IC em Portugal, comparativamente aquela que se vivenciava à 20 anos atrás, é satisfatoriamente bastante diferente. De facto, por então a procura por este tipo de ilustração encontrava-se praticamente restrita aos pólos universitários de investigação (Unidades de Investigação e Museus) e aos Institutos do Estado afectos à protecção e conservação da Natureza e Meio Ambiente (organismos que tutelam os Parques, Reservas e Zonas/Áreas Protegidas do país), a actividade profissional do lustrador Científico não era reconhecida e, para cúmulo, era mal paga.

Hoje e para além desses organismos mais clássicos, as IC são procuradas também por outras entidades estatais como sejam as Câmaras (Prefeituras), Sítios Museolizados (Museus e Núcleos Museológicos), Centros de Interpretação da Natureza e Ciência, Parques Zoológicos Privados, Indústria Farmacêutica e Médica, Imprensa Periódica, Editoras, Empresas privadas e estatais, Fundações, etc.

Actualmente — fruto do labor pedagógico dos primeiros ilustradores científicos portugueses modernos, que se esforçaram continua e repetidamente para mudar mentalidades, sensibilidades e entendimentos — a **Ilustração científica começa a ser aceite e compreendida** como uma ferramenta indispensável para quem quer comunicar e divulgar o conhecimento científico, com eficácia e reconhecida qualidade. A Era do desenho feito recorrendo à “prata da casa”, ou por profissionais não-habilitados (pintores, ilustradores artísticos,

desenhadores gráficos, designers, curiosos do desenho, etc.), está paulatinamente a desaparecer, pois os clientes que compram as ilustrações e elaboram com elas os seus Produtos finalmente entenderam que, mais importante que simplesmente “fazer” para marcar presença, é necessário primar para que o produto seja atractivo e informativo o suficiente para escoar no mercado e esgotar os *stocks* editoriais, justificando assim o investimento (de tempo, de recursos e financeiro)... Só assim a sua mensagem passa realmente, de um modo eficaz e perfeitamente direccionado para o “outro lado” — o lado do público-alvo a que se destina — e só assim a IC cumpre plenamente a sua função didáctica e funcional, para a qual foi estrategicamente construída.

A ilustração científica adquire actualmente “valor-moeda”, isto é, mostra-se passível de poder ser transaccionada e ser traduzida em lucro (muitos clientes optam hoje por adquirirem as ilustrações sob o regime de exclusividade, pois descobriram que podem rentabilizar e maximizar o investimento inicial, transaccionando-a ou imputando-lhes múltiplas utilizações em vários produtos).

### *3. Campos de intervenção*

Um ilustrador científico tanto pode criar ilustrações individuais, ditas taxonómicas (ilustrar uma espécie), como pode criar toda uma composição (seja de pormenores diagnosticantes dessa mesma espécie — como acontece nas estampas de ilustração botânica — seja da interacção inter- ou intra-espécies; etc.), ou elaborar infografias (hibridar imagem desenhada com campos de texto), misturar cartografia com taxonomia (mapas de distribuição, por exemplo), criar gráficos e diagramas, ilustrar teorias, conceitos e mecanismos conceptuais, etc.

Pode fazer figurações de observação, figurações reconstitutivas e reconstitutivas (como acontece na ilustração paleontológica em que reconstitui a biodiversidade extinta).



Pode aventurar-se no campo do design compositivo, criar posters, diagramar folhetos, postais, ou os planos/páginas com as suas imagens e que serão publicadas em brochuras, livros, painéis de grande formato, etc.

Pode inclusive criar textos e aventurar-se nas suas próprias Obras de Autor, não só aquelas dedicadas à ilustração científica, mas registando de modo fidedigno, momentos fugazes e/ou parcelas da Natureza. Esta actividade pode ser expressa na forma de cadernos de esboços, diários gráficos de campo (*fieldsketching*) ou de viagens. Mostrando-se como uma tendência algo saudosista, um retornar às origens, é uma prática clássica dos naturalistas, que com sabor revivalista, ganha hoje e um pouco por toda a parte, cada vez mais adeptos. Ou então o ilustrador-biólogo (ou geólogo, ou paleontólogo, ou médico, etc.) pode fazer os seus próprios livros de Autor, dar azo à sua paixão em relatar, investigar e dar a conhecer, escrevendo e ilustrando pedaços da Natureza que ama, animais e plantas que admira, mostrar a riqueza e diversidade do património natural da sua região, etc. — ou seja, vestir a pele do Naturalista e encarnar na mesma figura o Riscador/Desenhador da centúria de quinhentos; aventurar-se nos seus próprios Descobrimientos e encetar as suas desafiantes e epopeicas “viagens philosophicas”. Em suma, ser criativo e desafiar-se a si próprio, evitando fossilizar no trabalho rotineiro do fazer-se sempre o mesmo. Ousar é preciso...

#### ANGARIAÇÃO DE PROJECTOS — DESENVOLVER UMA IDEIA ALHEIA OU CONSTRUIR UM PROJECTO NOSSO?

Sendo um ilustrador científico um técnico especializado que trabalha no campo da prestação de serviços, assumindo-se geralmente como um profissional liberal (raros são os profissionais da área que se encontram empregados num lugar institucional e exclusivamente dedicados à IC), a sua sobrevivência é ditada por 4 factores primordiais: excelência na qualidade e correcção dos trabalhos executados; excelência na diversidade de temas trabalhados (para melhor responder a diferentes demandas do mercado, que nem sempre quer só ilustração botânica, ou antropológica, ou médica, ou paleontológica, etc.); excelência no cumprimento de prazos contratualizados; e excelência na relação qualidade/preço

de todo o serviço. Em suma, excelência no profissionalismo e no relacionamento com o cliente.

Querendo singrar na actividade profissional, a primeira parte da fórmula acima resumida assume-se por defeito, restando assim por resolver a parte do contacto e gestão de clientes. Aqui a abordagem subdivide-se em três estratégias básicas: 1. o ilustrador espera que o cliente o contacte e lhe apresente uma ideia para desenvolver na forma gráfica (cliente activo/ilustrador passivo); 2. o ilustrador apresenta a sua própria ideia ao cliente sujeitando-se à sua aprovação e financiamento (ilustrador activo/ cliente passivo); 3. ou ambas as estratégias anteriores, de acordo com a conveniência de ambas as partes envolvidas (o cliente pode apresentar uma ideia e o ilustrador complementar com outras possibilidades de trabalho ou vice-versa).

Qualquer profissional na área é unânime em referir que o ter “nome no mercado de trabalho” (também designado na gíria popular como “publicidade de boca”, isto é, em que o contacto com o novo cliente se deve a um aconselhamento feito por um outro cliente com que já se trabalhou e ficou satisfeito) é a melhor forma de angariar clientes/trabalho e isto é um facto inegável (pois há o focalizar directo das atenções sobre o recurso humano). A construção do “nome” é uma tarefa árdua e exige um planeamento a médio/longo prazo — o milagre do “reconhecimento” profissional/social imediato, mediático, e da carteira de clientes repentinamente cheia são mitos — pelo que o ilustrador terá que praticar a arte da Paciência (algo que para quem trabalha em IC não é difícil de cultivar e desenvolver).

O primeiro contacto com o cliente é a primeira fase do processo de angariação do projecto. Esse contacto, se for o cliente a procurar, pode surgir por aconselhamento, por conhecimento directo ou indirecto, por pesquisa na internet (um *website* ou um blogue, são boas apostas), pela observação/manuseamento de um Produto executado por esse profissional, ou ainda pelo visitar de uma exposição individual de Autor (uma outra solução interessante para a auto-

promoção) a que se segue geralmente um contacto de sondagem, telefónico ou por e-mail.

Com este passo inicia-se a segunda fase do processo que é, tanto quanto possível, procurar agendar uma reunião para promover a troca de ideias e discutir abordagens — é preferível que esta ocorra de modo presencial, do que se dê por telefone. De facto, a reunião será o palco que nos permite conhecer física e psicologicamente o cliente, estudar o seu comportamento, explorar o tema e reais necessidades, mostrar trabalhos já executados e/ou publicados (o cliente tem preferência por poder ver/manusear Produtos já concluídos/editados, do que meramente portfolios, já que os outros dão-lhe ideias mais aproximadas sobre as potencialidades sobre concretização editorial — já diz a sabedoria milenar “Ver é acreditar”), discutir as ideias, aconselhar ou propor outras. Ou seja, interagir em pleno e reciprocamente, em todos os sentidos, com o cliente, e potenciando a influência directa do charme relacional: o charme pessoal, o charme profissional, o charme curricular, o charme do trabalho editado. É pois um passo fulcral que dita o sucesso da fase seguinte.

Ultrapassado este primeiro obstáculo, é altura de finalmente ponderar e apresentar valores a cobrar, depois de conhecidos todos os meandros do projecto, aquilo que o cliente verdadeiramente pretende, o esforço e tempo que vai ser necessário despendar para o concluir e os gastos acessórios para o levar a cabo (gastos com materiais, deslocações, reuniões, comunicações, etc.). O ilustrador deve assim inibir-se de apresentar estimativas por alto durante a primeira reunião, mesmo que o cliente insista, deixando esse momento para concretizar em fase pós-reunião e através de documento escrito (enviado por correio, fax, e-mail ou entregue em mão, numa segunda reunião). Neste orçamento deve estar bem explícito o que o cliente vai adquirir (descrição das imagens/trabalho e, em termos de direito de autor, qual o regime de cedência da imagem/texto, ou seja o *copyright*/© negociado), quais as condições ditadas pelo ilustrador que devem ser observadas e respeitadas, o orçamento (valor) propriamente dito (incluindo

impostos que podem recair sobre o mesmo), prazo de conclusão e validade do orçamento.

A adjudicação do trabalho pressupõe o passar para a quarta fase do projecto que se resume à elaboração e assinatura de um Contrato, redigindo-se o clausulado que vai reger a prestação de serviço. Tanto quanto possível este deve ser feito por um advogado entendido em Direito de Autor, por forma a defender os interesses do Ilustrador e também os do Cliente. No fundo, se o orçamento for completo e bem elaborado, resume-se a um transcrever das principais alíneas, já por então acordadas entre ambas as partes, reforçadas pelos decretos-lei que regem a Lei do Direito de Autor de cada país e do Direito Internacional (essencial se se pensar que o © da obra, ou das ilustrações, podem ser cedidas internacionalmente a terceiros).

A partir da assinatura do contrato será o profissionalismo de cada um que ditará o sucesso ou insucesso desta empreitada. É hora de deitar mãos á obra e cumprir não só o contratado, como o prometido, também o esperado e, sempre que possível, investir e dar um pouco mais do que aquilo que foi pago. Um bom cliente reconhece sempre esta atenção e a sua satisfação são as nossas “acções” no mercado especulativo de trabalho (para futuras referencias e angariações de novos clientes) e na “Bolsa de Valores” do mundo da IC, onde tantos outros procuram também ter êxito como nós — à que arriscar e investir no futuro, para mais tarde recolher os dividendos. E se há conselho mais verdadeiro é o que os nosso ascendentes rurais, muitas vezes os nossos avós, nos deixaram: “há que semear primeiro (bem como acarinhar e não falhar com as nossas obrigações), para mais tarde colher”.

Quando é o ilustrador que toma a iniciativa, deve tanto quanto possível elaborar um projecto o mais completo possível, desenvolvendo a ideia original de forma a que esta seja moldada e adequada ao perfil de um determinado cliente — é importante que este perceba a pertinência e importância do projecto apresentado, se identifique com ele, reconheça que o mesmo preenche algumas

lacunas já por ele sentidas e que foi construído “em exclusividade” para ele, isto é, foi “personalizado”. Regra geral, as fases seguintes são as mesmas que aquelas já acima descritas, iniciando-se no segundo passo. No final, não só o cliente ficará satisfeito, como a maior satisfação será a do ilustrador — está a fazer algo que ele mesmo criou, queria mesmo fazer, que lhe dá imenso prazer e que ainda lhe pagam para que aconteça. É a aplicação do conceito de mecenato de intervenção, onde todos lucram e saem satisfeitos, a simbiose perfeita entre o poder económico, o poder criativo e o poder do conhecimento factual. Haverá melhor?

Num mercado de capitais onde a força motriz é representada pelo dinheiro, este é sem dúvida um factor decisivo para a adjudicação; muitas vezes — e em termos de importância na avaliação da viabilidade do projecto a executar por aquele profissional contactado — está a par e peso da qualidade oferecida/pretendida, mas outras e para o cliente, é o aspecto que pesa mais, donde é preciso aprender a ser flexível, mas sem entrar em prejuízo, isto é, aprender a Negociar. Saber gerir um negócio — e é disso que uma prestação de serviços na área da ilustração científica se trata — acaba, em última análise, por ser tão importante como ser um profissional de excelência. Esta capacidade de negociar é algo que se trabalha, ou que se aprende num curso de gestão, mas que em todos os casos se refina com a experiência ao longo do tempo.

Chegados a este ponto, facilmente compreendemos que para um moderno ilustrador científico integrado no mercado de trabalho ter sucesso, não basta somente saber desenhar e ser um excelente profissional. É preciso também dominar a arte das relações públicas (para interagir positivamente com os clientes), saber compreender e lidar com as leis de Direito (para redigir um contrato ou saber reformular o que nos é apresentado, na área do Direito de Autor), ter conhecimentos de gestão económica e de prática negocial (saber orçamentar, fazer estimativas de despesas, administração, dirigir negociações, etc.) e por último e não menos importante, saber como aplicar conceitos de *marketing* e publicidade pessoal na gestão da sua própria carreira. De facto, o ilustrador científico deve ver-se não só como “patrão/chefe”, mas também como

mero recurso humano, que não está isolado e que em todo momento se encontra em competição saudável com muito outros ilustradores (com iguais desejos e pretensões). Reconhecendo tal acumular de tarefas e mergulhando nessa competição natural, a “guerra” não deve ser feita contra os colegas de profissão (tenham eles formação informal ou formal, muita ou pouca experiência, crédito no mercado ou não), esgrimindo egos e vaidades, mas sim e apenas contra si próprio — acreditando sempre no valor do seu trabalho e lutando por se superar, uma vez atrás de outra, na tentativa de subir a fasquia da qualidade e excelência, a cada novo projeto que resolva assumir.

## LITERATURA RECOMENDADA

CORREIA, F. (2000). “Promoting scientific illustration through small itinerant exhibitions”; Comunicação (Poster). Congresso Internacional GNSI 2000, Évora.

CORREIA, F. (2001). A Ilustração Científica – registos do Mundo natural. **O Biótopo**, Jornal do Núcleo de Estudantes de Biologia da Associação Académica de Coimbra, pp 7-10.

CORREIA, F. (2005). Ilustração Científica – o saber da imagem e a imagem do saber. In: VIANA, Fernando; MARTINS, Eduarda. (Coord.). **Leitura, Literatura Infantil e Ilustração**. Vol 5. Edições Almedina SA; pp. 221-241. [Col. Investigação e prática docente.].

CORREIA, F. (2008). Diário de um ser — ser naturalista, ser artista. Rev. **Pampilhosa** – uma Terra e um Povo. Edições GEDEPA. nº 27: 227-236.

CORREIA, F. (2008). A arte da técnica. Rev. **Advanced Photoshop (A)PS Arte Digital**, nº 11: 30.

CORREIA, F. (2009). Ilustração Científica – desenhar o saber e o saber do desenho. Rev. **Biologia & Sociedade**, nº 8: 39-41.

CORREIA, F. (2009). “Ilustração Científica – riscar o Conhecimento” e “ A motivação de um Ilustrador Científico” In: **OLHÃO** – um património a descobrir. Ed. Câmara Municipal de Olhão. 64 pp + capa.

FARINHA, N. & CORREIA, F. (2003). Onde a arte e a ciência se complementam. **Ambiente 21**, nº 8: 64-69.

HODGES, E. ed. (2003). **The Guild Handbook of Scientific Illustration**. (2nd edition). John Wiley & Sons, Inc. New Jersey. 624 pp.

JASTRZEBSKI, Z. T. (1985). **Scientific Illustration: a guide for the beginning artist**. Prentice-Hall, Inc. New Jersey. 319pp.

KELVIN, G. V. (1992). **Illustrating for Science**. Watson-Guption Publications, BPI Communications, Inc. New York. 192 pp.

WOOD, P. (1994). **Scientific Illustration:** a guide to biological, zoological, and medical rendering techniques, design, printing and display (2<sup>nd</sup> edition). John Wiley & Sons, Inc. New Jersey. 158 pp.